



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE LETRAS**

SARA SABRINA CAMPOS SANTANA

**A IDEOLOGIA DO SONHO AMERICANO E O CONSUMISMO EM “A MORTE DE
UM CAIXEIRO-VIAJANTE”, DE ARTHUR MILLER**

**SANTARÉM — PA
2024**

SARA SABRINA CAMPOS SANTANA

**A IDEOLOGIA DO SONHO AMERICANO E O CONSUMISMO EM “A MORTE DE
UM CAIXEIRO-VIAJANTE”, DE ARTHUR MILLER**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Letras, para obtenção de grau de Licenciado em Letras-Inglês; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências da Educação. Sob a orientação do Prof. Dr. Elder Kôei Itikawa Tanaka.

**SANTARÉM — PA
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/UFOPA

S232i Santana, Sara Sabrina Campos
A ideologia do sonho americano e o consumismo em “A morte de um caixeiro-viajante”, de Arthur Miller / Sara Sabrina Campos Santana. – Santarém, 2024.
31 p.
Inclui bibliografias.

Orientador: Elder Kôei Itikawa Tanaka.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Oeste do Pará,
Instituto de Ciências da Educação, Licenciatura em Letras – Português e Inglês.

1. Miller, Arthur - Crítica e interpretação. 2. Teatro americano - Crítica e interpretação. I. Souza, Elder Kôei Itikawa Tanaka, *orient.* II.Título.

CDD: 23 ed. 812



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao décimo oitavo dia do mês de maio de dois mil e vinte e quatro, às 09:00 horas, na cidade de Santarém, Estado do Pará, por meio de plataforma virtual, reuniu-se a Banca Examinadora de Trabalho de Conclusão de Curso de Letras para realização da arguição do trabalho de conclusão de curso do(a) aluno(a) **SARA SABRINA CAMPOS SANTANA**, matrícula 2019000125, intitulado, “**A IDEOLOGIA DO SONHO AMERICANO E O CONSUMISMO EM “A MORTE DE UM CAIXEIRO-VIAJANTE”, DE ARTHUR MILLER**”, sob a orientação do Prof. Dr. Elder Koei Itikawa Tanaka, da Universidade Federal do Oeste do Pará. A Banca Examinadora foi constituída pelo(a) professor(a) orientador(a) citado(a), Presidente desta Banca, e pelos(as) Prof. Dr. Thiago Pereira Russo e Profa. Me. Paola Piovezan Ferro. A banca deliberou pela (x) aprovação () reprovação do TCC, resultando na nota 10,0. A banca considerou que:

- () Não são necessárias revisões.
- (x) São necessárias revisões quanto à forma, conforme as observações apontadas.
- () São necessárias revisões de conteúdo, conforme as observações apontadas, e revisão final feita pelo orientador antes de encaminhar a versão final do documento para a biblioteca.
- () São necessárias revisões de conteúdo, conforme as observações apontadas, e reavaliação do trabalho pela banca e pelo orientador antes de encaminhar a versão final do documento para a biblioteca.

Fica acordado que a nota 10,0 está condicionada a entrega final do trabalho, no prazo máximo de **10 dias úteis** a partir desta data e ele deverá contemplar as observações da Banca Examinadora. Proclamados os resultados pelo Presidente da Banca, foram encerrados os trabalhos e, para constar, eu, Prof. Dr. Elder Koei Itikawa Tanaka, lavrei a presente ata, que será assinada pelo autor do trabalho e pelos membros da Banca Examinadora.




SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

Santarém, 18 de Maio de 2024.

Orientador:  Documento assinado digitalmente
ELDER KOEI ITIKAWA TANAKA
Data: 20/05/2024 10:27:13-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Avaliador 1:

Avaliador 2:  Documento assinado digitalmente
PAOLA PIOVEZAN FERRO
Data: 20/05/2024 12:55:50-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Autor:  Documento assinado digitalmente
SARA SABRINA CAMPOS SANTANA
Data: 20/05/2024 10:44:15-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS E INGLÊS

PARECER DESCRITIVO DA BANCA

Orientador(a): Prof. Dr. Elder Koei Itikawa Tanaka

Banca Examinadora: Prof. Dr. Thiago Pereira Russo (USP)

Profa. Me. Paola Piovezan Ferro (Ufopa)

Orientando/Autor: SARA SABRINA CAMPOS SANTANA, matrícula 2019000125

Título do Trabalho: “A IDEOLOGIA DO SONHO AMERICANO E O CONSUMISMO EM “A MORTE DE UM CAIXEIRO-VIAJANTE”

Parecer: Após a apresentação e defesa do trabalho pela aluna, a banca de avaliação considera o TCC aprovado com nota 10,0, ressaltando as observações feitas ao texto pelos examinadores.

Local da Defesa: Google Meet

Nota atribuída: 10,0

Data da defesa: 18 de maio de 2024, às 09:00h

Assinaturas:

Banca Examinadora (avaliador 1): _____



Documento assinado digitalmente

THIAGO PEREIRA RUSSO

Data: 20/05/2024 11:50:28-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Banca Examinadora (avaliador 2): _____

Banca Examinadora (orientador): _____

RESUMO

Este artigo almeja analisar a representação do Sonho Americano mediante a observação e análise do personagem Willy Loman, na premiada peça *A morte de um caixeiro-viajante: certas conversas particulares em dois atos e um réquiem* (1949), do dramaturgo americano Arthur Miller. A intercalação do presente e passado que ocorre ao longo da narrativa, característica do teatro épico, possibilita observar a presença da ideologia do Sonho Americano. Dessa forma, considerando o contexto histórico dos Estados Unidos da primeira metade do século XX e que Willy é um homem da classe média trabalhadora, esta pesquisa visa compreender o que foi esta ideologia e de que maneira ela impactou este personagem. Por meio da leitura e revisão bibliográfica sobre a obra, foi possível concluir que Willy passou a ser controlado pelas ideias e valores que a sociedade capitalista induzia e propagava, entre eles o Sonho Americano e o consumismo, criados pelas classes dominantes e para benefício delas.

Palavras-chave: Arthur Miller. A morte de um caixeiro-viajante. Sonho Americano. Teatro.

ABSTRACT

This article aims to analyze the representation of the American Dream through the observation and analysis of the character Willy Loman, in the award-winning play *Death of a Salesman: certain private conversations in two acts and a requiem* (1949), by the American playwright Arthur Miller. The interspersing of present and past that occurs throughout the narrative, characteristic of epic theater, makes it possible to observe the presence of the ideology of the American Dream. Thus, considering the historical context of the United States in the first half of the 20th century and that Willy is a working middle-class man, this research aims to understand what this ideology was and how it impacted this character. Through reading and literature review, it was possible to conclude that Willy came to be controlled by the ideas and values that capitalist society induced and propagated, including the American Dream and consumerism, created by and for the benefit of the ruling classes.

Keywords: Arthur Miller. Death of a Salesman. American Dream. Theater.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. O ÉPICO EM A MORTE DE UM CAIXEIRO-VIAJANTE.....	13
3. A IDEOLOGIA DO SONHO AMERICANO.....	15
4. O SONHO AMERICANO E SUAS RAÍZES HISTÓRICAS.....	19
5. O CONSUMISMO DE WILLY LOMAN.....	26
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	31

1. INTRODUÇÃO

No início do primeiro ato de *A morte de um caixeiro-viajante: certas conversas particulares em dois atos e um réquiem*, peça publicada em 1949 por Arthur Miller (1915-2005), Willy Loman volta para casa exausto depois de um dia de viagem improdutiva. Ao conversar com a sua esposa Linda, alega que está “morto de cansaço” e confessa que teve dificuldade de dirigir o seu carro, pois esquecia que estava no volante, que sonhava com “cada coisa estranha”. Linda, preocupada, aponta que Willy está com sessenta anos e não pode viajar toda a semana como exigem, e o aconselha a ir até o escritório da companhia e falar que quer trabalhar em Nova York, onde vivem. Willy reluta, dizendo ser indispensável na Nova Inglaterra¹, que poderia vender na manhã seguinte, mas, no fim, acaba aceitando o conselho da sua esposa.

No diálogo posterior, conversam sobre os filhos, Biff e Happy, ambos respectivamente com 34 e 32 anos, que estavam dormindo, e Linda diz que a casa estava cheirando a loção de barba por saírem naquela noite. Willy responde que se trabalha uma vida inteira para pagar uma casa, mas quando finalmente se torna proprietário dela, não há ninguém para morar. Linda comenta que “sempre foi assim”, mas Willy diz que não, que existem pessoas que conseguem “fazer alguma coisa”. Pagando a hipoteca da casa há 25 anos, Willy tem consciência que existem pessoas que conseguem reduzir esse tempo e se tornarem proprietárias mais cedo e, por seguinte, usufruir como bem entenderem.

Algumas cenas à frente, Willy volta para o passado em uma recordação que sobrepõe o presente, onde os seus filhos ainda eram jovens estudantes. Willy conta para Biff o percurso das suas viagens no norte, e vê a empolgação do filho em querer ir com ele:

BIFF: Nossa, eu ia adorar ir junto com o senhor um dia, pai.

WILLY: Assim que chegar o verão.

BIFF: Promete?

WILLY: Você, Hap e eu, e vou mostrar para vocês as cidades todas. A América é cheia de cidades lindas e boas, de gente direita. E me conhecem, meninos, me conhecem de alto a baixo da Nova Inglaterra. Gente muito boa. E quando eu levar vocês, vai ser um abre-te sésamo para nós todos, porque tem uma coisa, meninos: eu tenho amigos. Eu estaciono em qualquer rua da Nova Inglaterra e os guardas protegem o meu carro como se fosse deles. Este verão, hein.

BIFF e HAPPY (*juntos*): Feito! Combinado! (Miller, 2009, p. 186).

¹ Região que fica no nordeste dos Estados Unidos, sendo composta pelos estados de Massachusetts, Rhode Island, Connecticut, Vermont, New Hampshire e Maine.

Na cena adiante, Bernard, filho de Charley, vizinho dos Loman, pergunta se Biff não estudará com ele para o exame estadual na próxima semana, pois Biff precisa se empenhar em matemática para poder se formar. Nesse meio tempo, Willy destaca o quão Bernard é anêmico e que ninguém reprovará Biff, uma vez que o mesmo tinha bolsa para três faculdades por ser jogador de futebol americano. Quando Bernard sai, Willy fala para os filhos que apesar de Bernard ter boas notas, ele não tinha prestígio, um valor necessário que apenas os homens que o possuíam conseguiam “chegar na frente” e ter tudo o que queriam. Willy se dá como exemplo, falando “[...] Nunca esperei na fila para ver um comprador. “Willy Loman está aqui!” É o que basta eles saberem, e eu entro direto” (Miller, 2009, p. 187).

Ao longo da narrativa de *A morte de um caixeiro-viajante*, presente e passado se intercalam, este último sendo mostrado através das recordações de Willy, que busca uma explicação para a sua vida cheia de fracassos, e também a de seu filho mais velho. É a partir desta intercalação de temporalidades que é possível analisar um dos temas centrais da peça: o Sonho Americano.

O termo “Sonho Americano” apenas se popularizou com a publicação de *The Epic of America* de James Truslow Adams, em 1931, um pouco depois da quebra da bolsa de valores de Nova Iorque em 1929. Adams (1931) definiu o Sonho como uma ordem social no qual qualquer pessoa, independente da classe social, poderia alcançar o sucesso através do trabalho. No entanto, na peça, o patriarca da família Loman, um homem da classe média trabalhadora, sofre com a desilusão de que ascenderia socialmente através de sua personalidade, por ser popular e querido. Desta forma, se torna necessário analisar as temáticas sociais, como alienação e consumismo, que são características de uma sociedade capitalista e que atingem, principalmente, a classe trabalhadora.

Tendo o seu primeiro título como *The inside of his head* (“Dentro da cabeça dele”), *A morte de um caixeiro-viajante*, ganhadora do Pulitzer e outros prêmios teve uma grande estreia na Broadway, garantindo elogios da crítica e do público. No entanto, ela foi considerada uma peça de propaganda comunista, assim como *Todos eram meus filhos* (1947), peça anterior de Miller, pois existia naquele momento da história dos EUA um forte sentimento nacionalista motivado pela vitória do país na Segunda Guerra Mundial, e o combate ao comunismo causado pela Guerra Fria (Costa, 2001; Miller, 1996). Nesse sentido, qualquer comentário negativo sobre a vida capitalista norte-americana não era vista positivamente por uma parte da crítica, e desse modo, Miller, que dava protagonismo às

peças comuns que sofriam com as contradições da sociedade, foi considerado por alguns críticos um dramaturgo antiamericano² (Bigsby, 2006).

Além disso, a peça sofreu críticas negativas:

The Hudson Review achou-a banal, desprovida de mérito. *The Nation* considerou-a pouco poética e memorável. Eric Bentley achou que exibia poesia ruim [...] Mary McCarthy sugeriu que estava “enfraquecida” pelo desejo de universalidade de seu autor, uma palavra-código para as crenças marxistas. Willy Loman, sugeriu ela, não passava de uma “estatística de sofrimento”. [...] Eleanor Clarke, da *Partisan Review* [...] considerou-a enfadonha, cheia de melancolia, produto de uma mente de segunda categoria [...] (Bigsby, 2006, p. 10, tradução nossa)³.

Todavia, tais acusações e críticas não foram suficientes para reprimir o posicionamento de Miller sobre a sociedade norte-americana, pelo contrário, ele continuou usando a escrita como forma de se pronunciar sobre as desigualdades do sistema capitalista. Em especial, em *A morte de um caixeiro-viajante*, ele queria mostrar que o indivíduo e a sociedade formam uma unidade ao invés de duas (Miller, 1989), ou seja, que são inseparáveis e assim como a sociedade afeta os indivíduos, estes efeitos podem ser percebidos na subjetividade (Williams, 1959). Deste modo, Miller, por expor questões sociais em suas obras, mostrando ser consciente sobre a realidade, fez com que seu trabalho fosse descrito por Raymond Williams (1959), como “drama de consciência”.

Em 1953, Miller publicou *As bruxas de Salém*⁴, peça conhecida por ser uma alegoria crítica ao macartismo, período no qual pessoas iam a julgamento suspeitas de serem comunistas. Foi neste período, também, que Miller foi levado a depor no Comitê de Atividades Antiamericanas do Congresso em 1956, no entanto, se recusou a citar nomes (Costa, 2001).

Assim, o filho de pais imigrantes judeus poloneses nascido em Nova Iorque é considerado um autor canônico e um dos maiores dramaturgos norte-americanos do século XX. Como *A morte de um caixeiro-viajante* é uma das suas principais obras, este trabalho aspira analisar de que maneira o Sonho Americano é representado na peça e seus impactos,

² Em *Réquiem para o sonho americano* (2017), Noam Chomsky explica que os indivíduos considerados anti-americanos eram aqueles que criticavam a concentração de poder e não apenas o governo, e dessa forma, eram vistos como contrários à sociedade e ao povo.

³ No original: “[...] The Hudson Review found it trite, devoid of merit. The Nation thought it unpoetic and unmemorable. Eric Bentley thought it displayed bad poetry [...] Mary McCarthy suggested that it was “enfeebled” by its author's desire for universality, a code word then for Marxist beliefs. Willy Loman, she suggested, was no more than a “suffering statistic.” [...] Partisan Review's Eleanor Clarke [...] dismissed it as boring, stuffed full of gloom, the product of a second-rate mind [...]”.

⁴ Na obra, moradores da pequena cidade de Salém foram levados a julgamento acusados de estarem contactando com o Diabo. Tais acusações eram feitas por um grupo de meninas que fingiam estarem possuídas. Miller, ao fazer essa peça, se baseou nos eventos reais da série de julgamentos, conhecida como o julgamento das bruxas de Salém, que culminaram em várias execuções.

sobretudo na observação e análise do personagem de Willy, homem da classe trabalhadora em um sistema capitalista.

2. O ÉPICO EM A MORTE DE UM CAIXEIRO-VIAJANTE

As cenas descritas anteriormente mostram a diferença entre o passado, em que Willy se vangloriava para os filhos com a sua profissão que o fazia ser reconhecido na Nova Inglaterra; e o presente, mostrando esse mesmo homem cansado de uma vida de trabalho onde ninguém o conhecia mais e nem sustentava a sua família, pois, como revela sua esposa Linda algumas cenas à frente, Willy estava trabalhando por comissão e toda semana emprestava de Charley 50 dólares, dizendo ser seu salário. Isto mostra o contraste dos anseios e ideias que Willy tinha sobre alcançar o sucesso, e a realidade brutal que vive em um mundo capitalista no qual os Estados Unidos são um dos principais representantes. A partir disso, a interposição de tempos na peça nos leva a observar duas consequências dessa opção formal do autor.

A primeira tem relação com a escolha de Miller em usar a simultaneidade⁵ do presente e passado, um traço do teatro épico⁶, para configurar uma estreita relação de forma e conteúdo.

Em *Todos eram os meus filhos* (1947), Miller apresenta Joe Keller, um fornecedor aeronáutico que vendia peças defeituosas para aviões durante a Segunda Guerra Mundial, matando milhares de pilotos, apenas para não ter prejuízos no lucro da empresa. Seu filho, Larry, que também era piloto, se suicida ao descobrir o crime do pai, e deixa uma carta no qual conta toda a sua descoberta. Quando Chris, também filho de Joe, entra em contato com essa carta, ele confronta o pai, que admite seu crime e se suicida. Para expor tal verdade, Miller utilizou a técnica analítica do dramaturgo Henrik Ibsen (1828-1906), na qual o presente serve como pretexto para invocar o passado, que acontece por meio do confronto dramático

⁵ Miller fala sobre a peça ter essa simultaneidade de tempos em *Introduction to Collected Plays* (1957), sendo uma parte desta reunida em *Arthur Miller: Death of a Salesman, text and criticism* (1996), por Gerald Weales: “[...] Não há flashbacks nesta peça, mas apenas uma simultaneidade móvel de passado e presente, e isso, mais uma vez, porque em seu desespero para justificar sua vida, Willy Loman destruiu as fronteiras entre o antes e o agora, tal qual alguém faria ao perceber que, por ter atendido o telefone, esse ato inofensivo causou uma explosão no seu porão [...]” (Miller, 1996, p. 158-159, tradução nossa). No original: “[...] There are no flashbacks in this play but only a mobile concurrency of past and present, and this, again, because in his desperation to justify his life Willy Loman has destroyed the boundaries between now and then, just as anyone would do who, on picking up his telephone, discovered that this perfectly harmless act had somehow set off an explosion in his basement [...]”

⁶ O teatro épico, ou o teatro que utiliza traços épicos, vem sendo usado há muitos séculos. Alguns dos seus elementos gerais são: tempo não linear, utilização de coro, vozes, sons, intervenções do narrador, prólogo, epílogo, etc. No entanto, só ganhou esse termo (teatro épico) na década de 1920, com o diretor Erwin Piscator (1893-1966) e o escritor Bertolt Brecht (1898-1956), sendo este último, seu grande fundamentador teórico (Rosenfeld, 2012).

do diálogo (Szondi, 2001). Isto é, por meio do diálogo no presente, Miller fez com que o passado fosse revelado, não sendo necessário dramatizá-lo para que houvesse uma explicação. Russo (2014, p. 196) explica que “[...] a técnica de trazer o passado à tona por meio da rememoração dialoga dialeticamente com conteúdo engendrado nela, que é o passado e suas consequências”, assim, ao ser exposto, o passado afeta todos os personagens, pois se tornam cientes do crime de Joe.

Ao invés de usar essa técnica em *A morte de um caixeiro-viajante*, Miller colocou um traço épico, no qual se pode voltar ao passado e o tempo não precisa ser linear, o que se opõe às características do drama tradicional, como o tempo cronológico — em que uma ação desencadeia outra e não se pode retornar ao passado, a não ser através do diálogo (como a técnica analítica ibseniana faz). Para Miller, a imagem de Willy desde o início foi:

[...] absorvida pelo conceito de que nada na vida vem “a seguir”, mas que tudo existe junto e ao mesmo tempo dentro de nós; que não há passado a ser “trazido à tona” num ser humano, mas que ele é o seu passado a cada momento e que o presente é apenas aquilo que o seu passado é capaz de perceber, cheirar e reagir (Miller, 1996, p. 155-156, tradução nossa)⁷.

Assim, a intercalação entre passado e presente é uma característica visível ao longo de toda a peça. Nas rubricas no início do primeiro ato, há uma explicação formal de como esse tempo simultâneo ocorrerá: nas cenas do presente, os atores precisam obedecer linhas imaginárias das paredes, mas nas cenas do passado “essas convenções são quebradas e os personagens entram ou saem de um quarto passando “através” da parede para o proscênio” (Miller, 2009, p. 171). Relembrando que o primeiro título da peça foi *The inside of his head*, o fato de “atravessar” as paredes nas cenas do passado é justificada, uma vez que elas não existem como nas do presente, onde todos os personagens têm consciência sobre elas. As paredes se dissolvem porque as cenas são recordações do interior da mente⁸ de Willy, que projeta os outros personagens para o plano formal, o palco, mas sendo apenas ele e os espectadores conscientes do presente e do passado (Rosenfeld, 2002). Exemplo disso é a cena

⁷ No original: “The Salesman image was from the beginning absorbed with the concept that nothing in life comes “next” but that everything exists together and at the same time within us; that there is no past to be “brought forward” in a human being, but that he is his past at every moment and that the present is merely that which his past is capable of noticing and smelling and reacting to.”

⁸ Quando falamos sobre o interior da mente de Willy sendo mostrado em cena, estamos falando de teatro expressionista. Este movimento surgiu nas primeiras décadas do século XX, na Alemanha, e depois foi para os Estados Unidos, e caracteriza-se por revelar alguns aspectos da situação psicológica dos personagens. No teatro americano, ele também se concentrou nos problemas da modernidade, mostrando a realidade física do personagem e o mundo à sua volta, como também expondo a sua própria mente (Beard, 2015). Segundo Williams (1959), Miller utilizou o expressionismo social para mostrar a consciência alienada de Willy. Sobre essa alienação, detalharemos na próxima seção.

do primeiro ato em que Willy está jogando baralho com Charley, e traz para o presente o seu irmão Ben, que havia morrido há algumas semanas:

WILLY: Estou morrendo de cansaço, Ben.

CHARLEY: Bom. Continue jogando. Vai dormir melhor. Você me chamou de Ben?
Ben olha o relógio.

WILLY: Engraçado. Por um segundo você me lembrou meu irmão Ben (MILLER, 2009, p. 196).

Peter Szondi (2001) explica que as linhas entre tempo e espaço não existem no passado, visto que as recordações de Willy não são um episódio temático, ou um flashback, porque não há mudanças nos figurinos, no cenário e nem são anunciadas que ocorrerão em determinada cena. É por isso que Biff e Happy comentam, ao perceberem que o pai fala sozinho, que alguma coisa está acontecendo, no entanto, Willy, na verdade, “fala para eles - não porém no presente real, mas no passado rememorado, que não mais o abandona” (Szondi, 2001, p. 149).

O traço épico⁹ da intercalação de tempos que Miller utiliza na forma dramática para expor o passado nesta peça não traz consequências para os outros personagens. Estes continuam alheios, sem entender o que de fato aconteceu — a não ser os espectadores, e em parte Biff, que sabia do caso que o pai teve com outra mulher no passado, mas que guardou para si até o fim. Willy, quando recorda, toma consciência das causas e, querendo que os filhos tivessem mais uma chance de ascender socialmente, ele acaba por se suicidar — o que, segundo Linda, Willy havia tentado algumas vezes — no final da peça para eles ficarem com o dinheiro de seu seguro. Entender as causas desse suicídio é o que nos leva à segunda consequência, estreitamente relacionada a esse traço épico: compreender de que maneira o Sonho Americano esteve presente e moldou a vida de Willy e de sua família.

3. A IDEOLOGIA DO SONHO AMERICANO

Ainda no primeiro ato da peça, descobrimos um pouco sobre a vida de Willy Loman, principalmente nas cenas em que seu irmão, Ben, está presente. Quando Willy tinha quase quatro anos, Ben tentou ir ao Alasca¹⁰ atrás do pai, que segundo ele, era um grande inventor e

⁹ Há outros recursos épicos que Miller utiliza na peça, como o som da flauta que rememora o pai de Willy, as vozes de crianças e da Mulher (sua amante), e o réquiem, um tributo aos mortos e que não é característico dos textos dramáticos, mas estes não são foco desta pesquisa.

¹⁰ No final do século XIX foi descoberto ouro em uma região do Alasca, o que acarretou na migração de trabalhadores para lá.

vendia flautas por todas as cidades que passavam no oeste do país. No entanto, Ben não entendia muito de geografia, pensava que estava indo para o norte, mas acabou no sul, o que o levou até a África, onde enriqueceu com a exploração de minas de diamante, “BEN: Ora meninos, quando eu tinha dezessete anos entrei na selva e quando tinha vinte e um saí. (ri) E nossa como eu estava rico” (Miller, 2009, p. 198).

Willy, quando finalmente reencontra Ben após longos anos, vê nele o modelo de *self-made man*, um homem que construiu a própria vida, dono do próprio destino. Além disso, podemos dizer que Willy via também o seu irmão como uma figura paterna, visto que o pai deles havia ido para o Alasca quando Willy ainda era muito pequeno. A ausência paterna deixou uma lacuna, pois, como ele mesmo explica, se sentia “meio transitório” (Miller, 2009, p. 201), uma vez que não teve a oportunidade de falar com o pai, ou seja, ter a presença de alguém que lhe dissesse o que fazer ou pedir conselhos. É por isso que Willy pede para Ben falar sobre o passado, pois o que ele possuía eram algumas memórias, e precisava de uma confirmação para saber se o que estava ensinando para os filhos era o certo:

BEN: Papai era um homem de coração muito grande e muito rebelde. A gente partia de Boston, ele embarcava a família inteira na perua e atravessava o país com a turma toda; Ohio, Indiana, Michigan, Illinois e todos os estados do oeste. E a gente parava nas cidades, ele vendia as flautas que tinha feito no caminho. Grande inventor, o papai. Com uma maquineta ele ganhava numa semana mais do que qualquer um ganhava na vida inteira.

WILLY: É assim que estou criando os meus, Ben: fortes, cheios de prestígio, vividos (Miller, 2009, p. 199).

Ademais, Willy pediu que Ben falasse para os filhos como havia conseguido enriquecer, pois o via como um grande conquistador do Sonho Americano — o chamava de “grande homem” — e queria que os filhos o tivessem como exemplo de alguém que havia ascendido socialmente. Por outro lado, Ben instigava Willy a ir para o Alasca, dizendo que lá havia grandes oportunidades, mas Willy acreditava que alcançaria o sucesso com o seu prestígio e suas vendas em Nova Iorque.

No segundo ato da peça, logo após ser despedido por Howard, dono da companhia em que trabalhava, Willy volta ao tempo passado em uma recordação onde Ben, seu irmão, o visita. Ele pergunta mais uma vez qual era a resposta para o sucesso, e Ben retruca que gostaria que Willy cuidasse de uma área madeireira no Alasca. Willy fica estupefato, mas Linda intervém, dizendo que seu marido já tinha um emprego, e que em breve se tornaria sócio da companhia em que trabalhava. Willy concorda, argumentando “[...] Estou construindo uma coisa com essa empresa, Ben, e se um homem está construindo alguma coisa

deve estar no caminho certo, não é?” (Miller, 2009, p. 226). No entanto, Ben pede que Willy mostrasse algo concreto, que não fosse as palavras de seu chefe de que o tornaria sócio, ou a história de Dave Singleman, considerado um grande vendedor para Willy, que aos oitenta e quatro os anos, ainda trabalhava e era querido pelos seus clientes.

Quando Ben estava prestes a ir embora, Willy expõe para ele a sua concepção de alcançar o sucesso, colocando Biff como exemplo, e querendo a aprovação de seu irmão:

WILLY: Sem um tostão no banco, três grandes universidades estão brigando por causa dele e, a partir daí, o céu é o limite, porque não é o que você faz, Ben. É quem você conhece e o sorriso no seu rosto! Contatos, Ben, contatos! A riqueza do Alasca inteiro passa por cima de uma mesa de almoço no Hotel Commodore e essa é a maravilha, a maravilha deste país, que um homem pode acabar coberto de diamantes aqui na base de ser bem quisto! (*vira-se para Biff*) E é por isso que quando você entrar naquele campo hoje vai ser importante. Porque milhares de pessoas vão estar torcendo por você e adorando você. (*para Ben, que está começando a sair de novo*) E, Ben!, quando ele entrar no escritório de uma empresa, o nome dele vai soar como um sino e todas as portas vão se abrir para ele! Eu vi isso acontecer, Ben, vi mais de mil vezes! Não dá pra pegar na mão igual madeira, mas existe!

BEN: Até logo, William.

WILLY: Ben, estou certo? Você não acha que estou certo? Seu conselho é valioso para mim.

BEN: Você tem um continente novo na sua frente, William. Pode sair de lá rico. Rico! (*sai*)

WILLY: Nós vamos fazer isso aqui, Ben! Está ouvindo? Vamos fazer isso aqui! (Miller, 2009, p. 226-225).

É notória a convicção de Willy em uma possível mobilidade social de seu filho e de si próprio, tendo como argumento o país em que vivem, no qual o vê como um lugar onde há oportunidades para enriquecer facilmente e, dessa forma, alcançar o Sonho Americano. Entretanto, Willy acredita que é por ser “bem quisto” e ter contatos que conseguiria tudo o que sonhou, o que não afeta apenas ele, mas seus filhos, que crescem com a ideia de que não precisam trabalhar por dinheiro, para a sua própria subsistência, que apenas por serem queridos as oportunidades surgiriam.

Ao longo da narrativa, Willy passa por situações que contradizem suas ideias: não consegue vender o suficiente para pagar as contas da casa; seus novos compradores não são amigáveis como os antigos; há a grande concorrência do sistema capitalista que ele não consegue lidar; Happy é um vendedor mulherengo; e Biff não possui um emprego fixo. No entanto, apesar da realidade ter sido o oposto do que Willy almejou para si e para os filhos durante toda a sua vida, ele ainda acreditava na mobilidade social do Sonho Americano.

De acordo com Chomsky (2017), os EUA são um dos países em que menos ocorre a mobilidade social porque há uma concentração de riqueza em uma pequena parcela da população, enquanto a classe média, a dos trabalhadores, continua com a renda paralisada e

enfrentando problemas sociais. Causadoras de tal desigualdade e com o poderio econômico, as classes dominantes ainda são beneficiadas por políticas e ideias que garantem a sua permanência no poder. Elas usam a ideologia¹¹ como um dos seus instrumentos de dominação, que mascaram a realidade para que as outras classes não percebam que estão sendo dominadas:

[...] a ideologia é um dos instrumentos da dominação de classe e uma das formas da luta de classes. A ideologia é um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados. [...] o que torna objetivamente possível a ideologia é o fenômeno da alienação, isto é, o fato de que, no plano da experiência vivida e imediata, as condições reais de existência social dos homens não lhes apareçam como produzidas por eles, mas, ao contrário, eles se percebem produzidos por tais condições e atribuem a origem da vida social a forças ignoradas, alheias às suas, superiores e independentes (deuses, Natureza, Razão, Estado, destino, etc.), de sorte que as idéias quotidianas dos homens representam a realidade de modo invertido e são conservadas nessa inversão, vindo a constituir os pilares para a construção da ideologia (Chauí, 2008, p. 82-83).

Entende-se, assim, que a ideologia oculta por meio de ideias as contradições da realidade. Uma vez que as classes dominantes são produtoras de tais ideias, elas garantem a sua dominação tanto nas relações materiais quanto mentais. De acordo com Marx e Engels no livro *A ideologia alemã* (2019, p. 46) “As ideias da classe dominante são, em todas as épocas, as ideias dominantes; isto é, a classe que é a força material dominante da sociedade é, ao mesmo tempo, sua força intelectual dominante”.

Desse modo, seguindo a lógica marxista, entendemos que as ideias de Willy sobre alcançar o Sonho Americano através de sua personalidade e por ser “bem quisto” são condicionadas pelas relações materiais que ele possui na realidade. Tais relações são determinadas pela divisão social do trabalho, que segmenta a sociedade entre proprietários e não proprietários, sendo os primeiros detentores de poder que utilizam a ideologia como instrumento para permanecerem como dominantes. Ao criarem ideias e representações da realidade, os ideólogos e teóricos não estão representando as reais condições materiais, mas uma “representação invertida do processo real” (Chauí, 2008, p. 64). É invertida porque os indivíduos de outras classes se tornam alienados, ou seja, alheios à totalidade que os cerca, aos resultados e produtos do seu trabalho, aos outros indivíduos e de si (Bottomore, 2012).

¹¹ Na crítica revolucionária de Marx, as ideologias são produzidas pelo que ele chama de “superestrutura”, ou seja, “[...] certas formas jurídicas e políticas, um certo tipo de Estado [...] certas “formas definidas de consciência social” (política, religiosa, ética, estética e assim por diante)” (Eagleton, 2011, p. 18). Assim, a superestrutura dá suporte a “base”, a “estrutura econômica da sociedade”, sendo formadas pelas forças (os meios de produção e trabalho humano) e relações (de indivíduos com indivíduos na produção, troca e distribuição de mercadorias) de produção.

Além disso, essas ideias dominantes não são percebidas como tais, pois são universalizadas e naturalizadas, ou seja, os indivíduos as veem como independentes e autônomas, pertencentes a toda a sociedade, e não como justificativas para a exploração e dominação de uma classe sobre a outra (Chauí, 2008).

Nesse sentido, o Sonho Americano — que compõe a “superestrutura” da sociedade estadunidense — é uma ideologia que dá suporte às classes dominantes, uma vez que com sua ideia de ascensão social por meio do trabalho, independente da classe social que os indivíduos pertençam, torna as desigualdades entre as classes justificadas e naturalizadas. Considerando que com a alienação os indivíduos não se percebem como produtores de seu próprio trabalho, a ideologia legitima ela, visto que gera nos indivíduos o entendimento de que os que não trabalham ou os que não se esforçam o suficiente, não conseguirão ascender socialmente.

Dessa forma, a alienação faz com que a classe trabalhadora não perceba que é o interesse de classes, a exploração da classe dominante, que impede a mobilidade social. Assim, Willy, um vendedor crédulo na sua própria concepção de Sonho Americano, tal como qualquer indivíduo que crê no esforço individual, se torna alienado pela ideologia. Em uma sociedade dividida em classes, a personalidade e o esforço do trabalhador não são atributos que garantem a mobilidade social destes, mas sim, condições econômicas, políticas e sociais.

Apesar da definição do Sonho Americano ter sido formulada apenas 18 anos antes de *A morte de um caixeiro-viajante* estrear nos palcos, Jim Cullen no livro *The American Dream: A Short history of an Idea that shaped a nation* (2003)¹² mostra que essa ideologia já estava presente no inconsciente coletivo estadunidense desde a Declaração de Independência de 1776.

4. O SONHO AMERICANO E SUAS RAÍZES HISTÓRICAS

A ideia de que nos Estados Unidos todos são iguais e livres para alcançar a felicidade e, assim, prosperarem faz parte da identidade nacional do país há muito tempo. Considerado uma das grandes potências capitalistas mundiais, os EUA são vistos não só pelos seus cidadãos, mas também por estrangeiros, como um lugar de oportunidades. Um grande exemplo disso são os índices de imigrantes que saem de seu país de origem em busca de melhores condições de vida. Essa imagem é acentuada pela Indústria Cultural por meio das

¹² Neste livro, Cullen (2003) descreve seis Sonhos Americanos que ocorreram ao longo da história dos EUA: o sonho pela liberdade religiosa; o sonho da Declaração de Independência; o sonho da mobilidade social; o sonho por igualdade racial e de oportunidades; o sonho da casa própria; e o sonho de ascensão social na Califórnia.

produções hollywoodianas, como filmes e séries televisivas. Contudo, o que essas pessoas e os próprios norte-americanos experienciam no país está longe de ser um “sonho”.

Discriminação, racismo, xenofobia, desemprego, fome são algumas das situações com as quais essas pessoas lidam no solo estadunidense. Entretanto, o que os grupos religiosos, no século XVII, encontraram foi uma grande porção de terra disponível à colonização. Em busca de liberdade religiosa e de um novo lugar para recomeçar, viram o Novo Mundo como sua “terra prometida”, e os indígenas que já viviam ali poderiam ser convertidos (Cullen, 2003).

A Nova Inglaterra, lugar no qual Willy viajava e dizia ser importante, foi onde os peregrinos e puritanos¹³ desembarcaram quando saíram da Inglaterra (Cullen, 2003; Karnal et al., 2007). Ela se tornou uma região importante, não só por significar um recomeço para essas pessoas, como também foi onde ocorreram grandes inovações, principalmente na área da indústria e comércio, que foram de suma importância para as transformações do ocidente nos séculos XVIII e XIX (Cullen, 2003).

No que diz respeito a isto, podemos considerar que as escolhas de Miller em relação à Nova Inglaterra podem estar relacionadas a estas raízes históricas. Visto que séculos atrás ela foi onde mentes criativas realizaram as suas invenções, na narrativa, percebemos com as recordações, que Willy a transformava em um lugar no qual o seu Sonho Americano era alcançável, pois lá tinha seu nome reconhecido por várias pessoas e era querido por seus clientes, “[...] Eu sou o homem da Nova Inglaterra. Eu sou indispensável na Nova Inglaterra” (Miller, 2009, p. 173). A Nova Inglaterra era o caminho que levaria Willy a conquistar sucesso, seria o que os Estados Unidos é para seus conterrâneos e estrangeiros: um lugar onde tudo é possível. No entanto, Willy não entendia que as relações interpessoais que tinha com seus compradores eram relações que seu trabalho como vendedor exigia que tivesse, para que assim, conseguisse alcançar as suas metas de venda, continuar e conquistar mais clientes.

Segundo Cullen (2003) os peregrinos e puritanos tiveram um papel importante na construção do Sonho Americano que se mantém até os dias atuais: a ideia que os EUA é um país de possibilidades para recomeços e de que são um povo escolhido por Deus para levar o progresso para outras nações. Isto mostra como a religião foi um instrumento de dominação e serviu de base para a Declaração de Independência de 1776, que reforçou essa superioridade com os dizeres dos direitos inalienáveis que todos possuíam:

¹³ Os peregrinos eram separatistas que romperam com a Igreja Anglicana, considerados pais da parte branca anglo-saxã e protestante dos EUA; os seus rivais, puritanos, eram descendentes dos calvinistas e acreditavam na predestinação e de serem o povo eleito por Deus, sendo seus o dever de transformar o mundo em um lugar melhor (Cullen, 2003; Karnal et al., 2007).

Consideramos estas verdades como autoevidentes, que todos os homens são criados iguais, que eles são dotados por seu Criador de certos direitos inalienáveis, entre os quais estão a Vida, a Liberdade e a Busca da Felicidade (Cullen, 2003, p. 49, tradução nossa)¹⁴.

Igualdade, vida, liberdade e a busca da felicidade ainda são palavras enraizadas na cultura norte-americana, sendo propagadas para o mundo através da Indústria Cultural. Entretanto, assim como foram difundidos, esses direitos não têm caráter igualitário. Em 1776, Thomas Jefferson, ao colocar tais palavras na Declaração — inspiradas em ideias de John Locke — não incluiu as mulheres, indígenas e negros escravizados, estava falando sobre os homens brancos, em sua maioria ricos, latifundiários e comerciantes (Cullen, 2003; Karnal et al., 2007). Estes homens, segundo a lógica dos Pais Fundadores¹⁵, seriam responsáveis por representar e orientar os desejos dessa parcela excluída da Declaração.

De acordo com Zinn (2005) o processo de independência das treze colônias, bem como a elaboração da Declaração, e por seguinte, da Constituição de 1790, foram realizadas pela elite colonial, representando e beneficiando estas, enquanto o restante da população era segregada dos direitos que se diziam ser pertencentes a todos.

Fica claro, desta forma, que a Independência dos Estados Unidos foi a substituição de uma dominação por outra: a colonização da Inglaterra pela elite colonial norte-americana. A liberdade seria para que estes novos estivessem livres para explorar as terras do Oeste e continuassem excluindo e oprimindo mulheres, negros, indígenas, imigrantes e servos brancos da sociedade e, assim, enriquecendo (Karnal et al., 2007; Zinn, 2005). Relembrando a teoria revolucionária de Marx e Engels, o Sonho Americano da Declaração de Independência e a Constituição foram criadas para que a elite dominante da época continuasse como dominante, criando estes direitos e leis que somente as beneficiava, mas que ainda eram universalizados e atingiam as demais classes.

Figuras importantes do que se seguiu após a Independência tiveram um papel significativo na concepção do Sonho Americano que James Truslow Adams definiu. Segundo Cullen (2003), no século XIX, o trabalho passou a ser um instrumento de autorrealização, amparado pela ideia de igualdade e de que qualquer pessoa poderia prosperar. Isto significava que ao ascender socialmente, um indivíduo tinha a liberdade de possuir outras pessoas, empregando-as ou escravizando-as (Cullen, 2003). Assim, Benjamin Franklin, Pai Fundador e

¹⁴ No original: “We hold these Truths to be self-evident, that all Men are created equal, that they are endowed by their Creator with certain unalienable Rights, that among these are Life, Liberty, and the Pursuit of Happiness.”

¹⁵ Os Pais Fundadores, ou “Founding Fathers”, é como são chamados os homens envolvidos no processo de independência das 13 colônias britânicas, que se tornaram os Estados Unidos da América. Os principais são: Thomas Jefferson, Benjamin Franklin, George Washington, John Adams, Samuel Adams e Alexander Hamilton.

intelectual rico protestante; Andrew Jackson, 7º presidente dos EUA, responsável pela promulgação da Lei de Remoção dos Índios¹⁶ de 1830; e Abraham Lincoln, 16º presidente e considerado abolicionista pelos sulistas — que, no entanto, via a escravidão com um mal necessário — no período da Guerra de Secessão (1861-1865), foram exemplos de “homens simples”, que vieram da pobreza e conseguiram conquistar riquezas e títulos pelo esforço do trabalho (Cullen, 2003; Karnal et al., 2007). Desta forma, o trabalho passou a ser um fator central para alcançar o Sonho Americano da Mobilidade Social.

Diante do exposto e trazendo para o contexto da peça, podemos dizer que Ben, irmão de Willy, se assemelha à imagem destes homens considerados *self-made men* da história dos EUA. Tendo como referência exemplos conhecidos de concretização da mobilidade social, Willy também via Ben como alguém que ascendeu socialmente, mas não considerando o trabalho ou a exploração de minas de diamante na África como um meio para alcançar o sucesso.

Com a Independência surgiu o interesse de transformar os EUA em uma nação unida. Dessa forma, os primeiros presidentes impulsionaram o que foi chamado de “marcha para o oeste”, ou seja, a ocupação da “fronteira”, as terras consideradas selvagens. Esse expansionismo norte-americano era justificado, pois estariam levando a civilização e progresso para essas terras, num sentido de efetivação tanto das ideias de democracia e liberdade presentes na Declaração de Independência e Constituição, como da vontade divina, uma vez que eram os escolhidos por Deus para essa missão¹⁷ (Karnal et al., 2007).

Sobre este panorama, vale ressaltar o sonho republicano de Thomas Jefferson, que além de ter sido um dos autores da Declaração de Independência, foi também o terceiro presidente dos EUA. Jefferson acreditava que o progresso do país estava nos pequenos proprietários de terra e tinha aversão à industrialização. Em contrapartida, o seu rival político Alexander Hamilton, um federalista, que foi assistente de George Washington na Guerra pela Independência, apoiava a indústria, o comércio, e acreditava que este era o caminho que tornaria o país independente economicamente (Greenspan; Wooldridge, 2020).

No entanto, o sonho de Jefferson não se tornou uma realidade para a sua nação nos anos que se seguiram, mas sim, a visão de Hamilton. Logo após a Guerra Civil, os Estados

¹⁶ Esta lei “[...] previa o deslocamento das comunidades indígenas de seus territórios tradicionais para a região de Oklahoma, onde deveriam se estabelecer em uma reserva determinada pelo governo” (Karnal et al., 2007, p. 104). Neste processo milhares de povos indígenas morreram de doenças, fome e frio, e as terras “desocupadas” serviram para a produção agrícola dos brancos (Karnal et al., 2007).

¹⁷ Esta influência da religião está relacionada à ideologia do “destino manifesto”, no qual dizia que os norte-americanos seriam predestinados a ocupar e levar o seu modo de vida para as regiões atrasadas, carentes e selvagens (Karnal et al., 2007).

Unidos passaram por um grande processo de industrialização, principalmente devido ao crescimento das ferrovias que passaram a ligar o país, diminuindo as distâncias. A distribuição da eletricidade, a urbanização, o aumento populacional nos centros urbanos — principalmente, devido às migrações de pobres e negros, e imigrações —, e o fortalecimento das grandes empresas e corporações na economia também contribuíram para o desenvolvimento da indústria.

Sobre este cenário, é relevante salientar o que Cullen (2003) chamou de união das ideias de Jefferson e Hamilton, os subúrbios, que surgiram no início do século XIX e se tornaram grandes áreas ocupacionais dos arredores dos centros urbanos, refúgio para os excluídos da sociedade. O autor comenta, também, que na década de 1990 a maioria dos norte-americanos não residia na cidade nem no campo, mas sim no “híbrido demográfico” (Cullen, 2003, p. 155), que seria uma combinação da visão jeffersoniana do pequeno proprietário de terra, com a hamiltoniana das relações comerciais da cidade.

Trazendo para o contexto da peça, vale destacar o lugar no qual a família Loman morava, o Brooklin, considerado um dos principais precursores dos subúrbios nos EUA e atualmente um dos cinco bairros da cidade de Nova Iorque. Dessa forma, é possível dizer que Willy vivia entre duas ideias, a de Jefferson e Hamilton (Poppelaars, 2016), e era afetado pelas transformações deste lugar ao longo do tempo. Segundo Stuart Hall (2006), as mudanças constantes na sociedade afetam os indivíduos de diferentes formas, entre elas, a identidade destes, entendida pelo autor como uma “celebração móvel”, ou seja, que está em constante formação, e

[...] à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar — ao menos temporariamente (Hall, 2006, p. 13).

Considerando isto, Willy, ao viver em uma sociedade moderna como os EUA, também foi impactado pelas diversas transformações que esta sofreu ao longo do tempo, enfatizando aqui o contexto em que a peça foi escrita, o pós-Segunda Guerra Mundial. Assim, a mudança do lugar em que ele morava, o Brooklin, o abalou devido à sobreposição da ideia hamiltoniana sobre a jeffersoniana com a industrialização e crescimento urbano, que fez esse “híbrido demográfico”, segundo ele, ser invadido por prédios, erguidos onde existiam árvores, e automóveis. Isto fez com que Willy não conseguisse se adaptar a esta transformação:

WILLY: A rua está cheia de carros. Não tem um sopro de ar puro no bairro inteiro. A grama não cresce mais, não dá para plantar nem uma cenoura no quintal. Devia ter uma lei contra prédio de apartamento. Lembra daquelas duas árvores ali na frente? Quando eu e o Biff penduramos um balanço no meio das duas?

LINDA: É, parecia que a gente estava a milhões de quilômetros da cidade.

WILLY: Deviam ter fechado a construtora que cortou as árvores. Arrasaram o bairro. (*perdido*) Cada vez mais que eu penso naquele tempo, Linda. Nesta época do ano era lilás e glicínia. E depois as peônias e os narcisos. Que perfume ficava nesta sala!

LINDA: Bom, afinal as pessoas têm que morar em algum lugar.

WILLY: Não. Tem mais gente agora.

LINDA: Não acho que tenha mais gente. Acho que...

WILLY: Tem mais gente! É isso que está acabando com este país! A população está ficando descontrolada. A competição é uma loucura! Sinta o fedor desse prédio de apartamento! E outro ali do outro lado... (Miller, 2009, p. 175-176).

Neste trecho percebemos a frustração e o quão abalado Willy ficou devido às mudanças que ocorreram. Ele não conseguia entender como as relações e o modo de vida estadunidense mudaram ao passar do tempo, classificando como negativos o desenvolvimento urbano e o crescimento populacional. Além disso, ele não se adaptou à competitividade do sistema capitalista, a nova forma das relações de trabalho. No passado, Willy considerava seus clientes como amigos, sua personalidade fazia-o ser querido e conhecido, suas piadas faziam as pessoas sorrirem; no entanto, no presente, isto não existe mais. Linda explica muito bem essa mudança e de como ela afetava a saúde física e mental de seu marido, ao discutir com os filhos quando estes lhe questionam sobre a sanidade do pai:

LINDA: Será que são piores que os filhos? Quando ele trazia movimento, quando era moço, todo mundo adorava quando ele chegava. Mas agora os amigos velhos, os velhos compradores que tanto gostavam dele e sempre encontravam algum pedido para passar para ele na hora... morreram todos, se aposentaram. Ele conseguia fazer seis, sete visitas por dia em Boston. Agora ele tira as malas do carro, põe de volta, tira outra vez e fica exausto. Em vez de andar, ele agora fala. Mil quilômetros dirigindo e quando ele chega ninguém conhece mais seu pai, ninguém dá boas-vindas para ele. E o que acontece com a cabeça de um homem quando ele dirige mil quilômetros para chegar em casa sem ter ganhado um centavo? Por que ele não pode falar sozinho? Por quê? Quando ele tem que ir até o Charley e emprestar cinquenta dólares por semana e fingir que é o pagamento dele? Por quanto tempo isso pode continuar? Quanto tempo? Entenderam por que eu estou sentada aqui esperando? E você me diz que ele não tem caráter? Um homem que não trabalhou um dia que não fosse por vocês? Quando ele vai ganhar uma medalha por isso? Essa é a recompensa dele, virar a idade de sessenta e três anos e descobrir que os filhos, que ele amou mais que a própria vida, um é vagabundo, mulherengo... (MILLER, 2009, p. 205-206).

Percebemos aqui, uma diferença significativa entre as relações passadas de Willy com as do presente, principalmente relacionadas ao seu trabalho: os “velhos compradores” haviam sido substituídos por novos, com os quais Willy não conseguia estabelecer uma conexão mais próxima, pois as relações interpessoais haviam mudado. Além disso, ninguém o conhecia

mais ou o recebia amigavelmente. Isto também é notado quando Willy vai até Howard pedir para que o colocasse para trabalhar em Nova Iorque, e não mais viajando para outros estados. Willy tenta estabelecer uma ligação afetiva com seu chefe Howard — mencionando que o conheceu quando este ainda era uma criança — quando seus pedidos passam a ser negados por ele, que diz não haver vaga para Willy na cidade e que “negócios eram negócios” e Willy precisava fazer a parte dele. Em determinado ponto do diálogo, Willy compara as relações do passado com as do presente:

[...] Naquela época a coisa tinha personalidade, Howard. Havia respeito, camaradagem e gratidão. Hoje, está tudo curto e seco, e a amizade não tem mais chance, nem a personalidade. Entende o que eu estou dizendo? Eles não me conhecem mais.

HOWARD: (*afasta-se para a direita*) É isso mesmo, Willy (Miller, 2009, p. 223).

Ademais, relembra que o seu antigo chefe, pai de Howard, havia prometido que o tornaria sócio da empresa, pois Willy, no ano de 1928, antes do *crash*, fez boas médias de comissão por semana com suas vendas. No entanto, Howard não se interessa pelo que ele diz, e Willy acaba se exaltando ao falar que foram feitas promessas sobre a mesa daquele escritório, que havia dedicado trinta e quatro anos de sua vida para a empresa e não poderia ser descartado daquela forma, como uma fruta (Miller, 2009). Isto mostra como Willy ainda não entendia que, como empregado, ele poderia ser substituído por outro, mesmo com promessas feitas e dedicado boa parte da vida àquele trabalho. Além disso, não compreendia que, no sistema capitalista, prevalecem nos negócios as relações pessoais para a obtenção de lucro.

Bigsby (2005) argumenta que Willy estava confuso e, por isso, voltava ao passado através de suas lembranças em busca de um sentido, pois o tempo havia passado e a sociedade mudado, mas não da maneira que ele desejava, onde seus sonhos se tornassem reais. Willy se sentia frustrado e fracassado com essas transformações sociais, porque elas o distanciavam cada vez mais de alcançar o Sonho Americano, e contradiziam tudo em que ele acreditava. Assim, ele ainda ansiava que os filhos alcançassem a mobilidade social do Sonho Americano, apesar de ter momentos de consciência sobre a realidade em que vivia (Roudané, 1997), como quando comenta com Linda que algumas pessoas tinham uma carga horária inferior à sua e recebiam um salário superior, ou quando expõe como se sentia em relação ao seu trabalho e sua situação social, “[...] Eu não trabalhei como um burro de carga para pagar sempre em dia? [...] É mais corajoso continuar aqui o resto da minha vida feito um zero à esquerda?” (Miller, 2009, p. 257).

Além disso, as mudanças sociais, bem como os valores que a sociedade capitalista propagava e valorizava — o individualismo, a competitividade, os *self-made men* das indústrias e a superioridade norte-americana —, além de afetarem a saúde física e mental de Willy, também o faziam ter pensamentos e atitudes contraditórias. Ele não conseguia determinar, com todas essas imposições, o que realmente queria perseguir e no que acreditar.

Ao longo da narrativa, Willy fala que gostaria de morar no campo, onde pudesse plantar, criar galinhas e construir cômodos para os filhos ficarem quando fossem visitá-lo. Sentia-se bem quando realizava algum trabalho braçal na casa, consertando o telhado ou construindo a varanda (relembrando a visão jeffersoniana). No entanto, desejava que Biff morasse na casa que ele terminaria de pagar naquele mês e criticava o filho por preferir trabalhar no campo, em fazendas, do que em alguma empresa na cidade¹⁸.

Biff, diferente de Willy, percebe as contradições da sociedade capitalista. Indignava-se ter passado por diversos empregos e ganhado apenas um dólar por hora, não via sentido na competitividade e consumismo do sistema, e acabava se sentindo perdido, porque queria ser livre daquilo. Seu sonho era comprar um rancho e criar gado, e por isso estava determinado a pedir dinheiro emprestado de Bill Oliver, um empresário para quem havia trabalhado há muito tempo. Mas Biff, no fim da narrativa, procura Oliver com a finalidade de abrir uma loja de artigos esportivos, pois era aquilo que Willy queria para ele. No entanto, Biff nem chegou a falar com o empresário, este não o conhecia mais.

Percebemos, assim, a contradição de Willy, pois para ele Biff estaria fazendo um retrocesso ao se voltar para perspectiva jeffersoniana de trabalho no campo, uma vez que no presente a felicidade e o sucesso estavam atrelados a indústria, as vendas, as aparências e ao consumo. No entanto, Willy almejava o mesmo estilo de vida do filho, considerado ultrapassado.

5. O CONSUMISMO DE WILLY LOMAN

Outra transformação da sociedade estadunidense no século XX impactou Willy profundamente: o consumismo. De acordo com Bigsby (2005) a decadência, o cansaço e as

¹⁸ Esta visão de Willy pode estar relacionada ao contexto histórico do final do século XIX, quando houve o fortalecimento e surgimento de grandes corporações, empresas e companhias que, logo após a Segunda Guerra Mundial, se tornaram responsáveis por controlar uma parcela significativa da economia do país. Com isso, os empresários e empreendedores se tornaram admirados e vistos como *self-made men* (Karnal et al., 2007). Nesse sentido, alinhando os argumentos de Hall (2006) de que as mudanças sociais criam novas identidades, e a crítica revolucionária de Marx e Engels (2019) de que quem domina as relações materiais também domina a intelectual, é possível dizer que Willy passou a acreditar na ideia do homem de negócios.

frustrações de Willy também estão relacionadas à valorização que ele cultivava pelas relações materiais, uma vez que prezava pela aparência e era um grande consumidor.

Estão entre as características dos EUA, na primeira metade do século XX, as desigualdades e discriminações, sobretudo em relação aos negros, o crescimento da indústria, as guerras, e o que ficou internacionalmente conhecido como “*american way of life*” (“o jeito americano de viver”), *slogan* que surgiu como uma forma de escape das fatalidades das guerras através do consumo de bens materiais. Segundo Karnal et al. (2007), no pós-Primeira Guerra Mundial, os bens que eram considerados dos ricos tornaram-se acessíveis devido aos processos industriais e desenvolvimento tecnológico, o que possibilitou que as classes baixas os consumissem. Assim, esse consumismo, apoiado pela Indústria Cultural, passou a ser “[...] o elemento essencial de felicidade e cidadania” (Karnal et al., 2007, p. 198).

Apesar do fortalecimento desse estilo de vida e do crescimento econômico no pós-Segunda Guerra Mundial com a vitória dos EUA — que propagava a imagem de um país próspero — a situação real de muitos trabalhadores da época mostrava que a distribuição de renda continuava desigual, principalmente entre os indígenas, afro-americanos, latino-americanos e pessoas de outras etnias (Karnal et al., 2007). Assim, trazendo para o contexto da narrativa, consideramos que Willy, um trabalhador da classe média, é uma representação desta parte da população que sofria com as contradições da sociedade capitalista¹⁹.

De acordo com Chomsky (2017) uma das formas das classes dominantes controlarem as atitudes dos indivíduos é através da transformação destes em consumidores, “[...] Se for possível, fabricar necessidades e tornar indispensável à vida das pessoas a aquisição de determinados produtos” (local. 124-125), induzindo-as ao consumo desenfreado. O autor também salienta que esse sistema de consumo tem em vista persuadir as pessoas a pensarem que certos produtos são ideais para sua vida, dessa forma, elas passam a consumi-los sem necessidade, apenas para ter os “símbolos de uma vida digna” (Chomsky, 2017, local. 125). Nesse sentido, podemos dizer que o “jeito americano de viver” foi uma forma que as classes dominantes criaram para controlar os norte-americanos e as pessoas ao redor do mundo através do consumismo. Este pode ser entendido também através do conceito marxista de “fetichismo da mercadoria”.

Para entendê-lo, precisamos lembrar que a alienação faz o trabalhador, além de não perceber que é produtor do seu trabalho, também não se reconhecer naquilo que produz. Deste

¹⁹ Miller fala sobre essa representatividade em sua autobiografia *Uma vida* (1989), “[...] Willy era representativo, em toda parte e debaixo de qualquer sistema, de nós e do nosso tempo” (p. 177).

modo, quando falamos de um trabalhador que produz para o mercado, a sua produção se transforma em mercadoria, que passa a ter poder sobre ele, uma vez que a vê como um “[...] bem que se compra e se consome [...] valendo por si mesma e em si mesma, como se fosse um dom natural das próprias coisas” (Chauí, 2008, p. 57-59). Ao ir ao mercado com a mercadoria dinheiro²⁰, que um indivíduo recebe pela sua força de trabalho explorada, ele troca parte desta por outra, estabelecendo “[...] uma relação fantástica de mercadorias umas com as outras como se fossem sujeitos sociais dotados de vida própria” (Chauí, 2008, p. 58). Ao adquirir “vida própria”, a mercadoria passa a exercer poder sobre o trabalhador, que atribui à ela um valor sobrenatural, como um fetiche religioso. Assim, à relação social que se apresenta aos produtores não entre eles próprios, mas entre o produto dos seus trabalhos, se dá o nome de “fetichismo da mercadoria” (Bottomore, 2012).

Dessa forma, na sociedade capitalista, os trabalhadores passam a viver em função do acúmulo destas mercadorias. Em *A morte de um caixeiro-viajante*, isto é notado através dos produtos que Willy passa a consumir, como a geladeira e os carros, vistos como promessas de felicidade e dignidade. Willy comenta que foi no ano de 1928 que adquiriu um *Chevrolet* e que era o melhor carro que já haviam feito. No entanto, em outra cena, fala que deveriam proibir a fabricação dele, uma vez que devia para o homem que havia consertado o carburador, dando a entender que o carro passava por diversos reparos. Esta é apenas uma das várias situações que mostram Willy adquirindo mercadorias, sendo arrebatado por uma felicidade temporária, uma vez que tais bens eram substituídas ou precisavam serem reparadas, pois não eram duráveis:

WILLY: Uma vez na vida eu queria ter alguma coisa até o fim sem quebrar! Estou sempre apostando corrida com o ferro-velho! Acabei de pagar o carro e já está se arrastando. A geladeira consome correias que é uma loucura. Eles botam prazo. Botam prazo de um jeito que quando você acaba de pagar, a coisa acaba (Miller, 2009, p. 216).

Além disso, tais produtos e outras necessidades que surgiam, criavam dívidas que, segundo Chomsky (2017) é outra forma de aprisionar as pessoas, pois o dinheiro que recebem de seu trabalho não é o suficiente para pagar todos os produtos que passam a comprar desenfreadamente. Ao acumular dívidas, Willy se desesperava, pois muitas vezes o dinheiro do seu trabalho eram insuficientes para quitá-las:

²⁰ Na sociedade capitalista, a força de trabalho é transformada em mercadoria, que o trabalhador vende para o capital em troca de outra mercadoria, o salário (Coggiola, 2021).

WILLY: Quanto a gente está devendo?
 LINDA: No dia primeiro tem dezesseis dólares da geladeira...
 [...]
 WILLY: [...] O que mais?
 LINDA: Bom, tem nove e sessenta da máquina de lavar. E o aspirador é três e cinquenta e vence no dia quinze. Depois tem o telhado, que faltam ainda vinte e um dólares.
 [...]
 LINDA: [...] uma coisinha e outra, chega a uns cento e vinte dólares no dia quinze.
 WILLY: Cento e vinte dólares! Meu Deus, se o negócio não melhorar eu não sei o que eu vou fazer! (Miller, 2009, p. 189)

De acordo com Adorno (2015, p. 234) “Na sociedade capitalista, produzir para a necessidade em sua forma mediada e, assim, fixada pelo mercado é um dos principais meios de forçar os seres humanos a fazer o que lhes é imposto”. Assim, entendemos que Willy não estava consumindo o que realmente necessitava para si, mas que ele era condicionado a consumir produtos que surgiam na sociedade, disseminados pela Indústria Cultural. Chomsky (2017) argumenta que o investimento da indústria publicitária em propagandas e anúncios tem como finalidade transformar os indivíduos em consumidores desinformados que farão escolhas irracionais, uma vez que se não fizerem isso “[...] as pessoas passariam a tomar decisões racionais e [...] desmantelariam sistemas de autoridade ilegítima e instituições hierárquicas” (local. 129). Considerando isto, podemos dizer que Willy foi transformado em um consumidor irracional ao adquirir produtos desnecessários, sem refletir sobre estes, os escolhendo apenas porque, como ele diz, “[...] tinha o anúncio maior!” (Miller, 2009, p. 189).

Além de Willy, Howard Wagner, seu chefe, também é dominado pelo “fetiche da mercadoria”. Em determinada cena do segundo ato, ele mostra para Willy um gravador de arame que havia comprado por cento e cinquenta dólares, falando que aquilo era a máquina mais incrível que já havia visto na vida e que iria jogar fora todos os seus outros objetos e *hobbies*. Assim como Willy, Howard não conseguia perceber ou se questionar como os produtos que consumia eram produzidos, por quem e em que circunstâncias.

Diante do exposto, consideramos que o consumismo de bens materiais foi uma forma de induzir as pessoas a acreditarem que estariam ascendendo socialmente ao comprarem produtos que antes eram pertencentes à elite. Desse modo, Willy também estaria no caminho da conquista do Sonho Americano com o seu consumismo que, no entanto, o fazia criar dívidas que, muitas vezes, não conseguia quitar com o dinheiro que recebia pelo seu trabalho.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O traço épico da intercalação de tempos em *A morte de um caixeiro-viajante*, que permitiu que a consciência de Willy Loman fosse revelada através de suas recordações do passado, possibilitou observar o desenvolvimento da ideologia do Sonho Americano na peça. As ideologias em uma sociedade capitalista como os EUA são criadas pela classe dominante e em benefício destas, uma vez que as ideias mascaram a realidade e justificam as desigualdades sociais, alienando os indivíduos para não perceberem que estão sendo dominados e explorados. Willy, que faz parte da classe média trabalhadora e que acreditava na conquista do Sonho Americano através de sua personalidade e por ser querido, se tornou alienado também.

A pesquisa sobre o contexto histórico do Sonho Americano nos permitiu observar como a Declaração de Independência dos Estados Unidos é de suma importância para esta ideologia, ao falar sobre os direitos inalienáveis que todos possuíam. Além disso, as transformações que ocorreram na sociedade norte-americana, entre elas o grande desenvolvimento da industrialização, a urbanização, o crescimento populacional e as mudanças nas relações de trabalho, afetaram Willy, que não conseguiu se adaptar e entender estas, uma vez que se contradiziam com as ideias e sonhos que possuía. O consumismo, amparado pelo *slogan* do “jeito americano de viver”, também está presente na peça. Ao destacar a relação de Willy com bens materiais, Miller configura a característica consumista da sociedade americana, criticando-a e demonstrando, no texto dramático, uma das maneiras pelas quais as classes dominantes controlam as demais.

Sobre essa conjuntura, constatamos com a presente pesquisa que Willy é uma vítima do sistema capitalista, controlado por ideias criadas pela classe dominante, sendo a ideologia do Sonho Americano um de seus instrumentos de dominação. Assim, mesmo percebendo algumas das contradições da sociedade — como a exploração do seu trabalho, enquanto outros trabalhavam menos e recebiam mais —, Willy não compreendia que tais contradições eram causadas pelas classes dominantes, que o impediam que transitasse para uma classe mais elevada que a sua.

O controle da ideologia do Sonho Americano e do consumismo, somado às transformações da sociedade, afetaram Willy profundamente. Este controle, pode-se dizer, esteve presente durante toda a vida de Willy. Assim, ao dar ao seu protagonista um destino trágico, Miller nos alertava não só para a crueldade do sistema capitalista norte-americano do pós-Segunda Guerra Mundial, que explorava o trabalhador até a sua degradação física e mental, mas também para o fato de que, sem mudanças estruturais, outros trabalhadores passariam pelo mesmo processo no futuro.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADAMS, James Truslow. **The Epic of America**. Boston: Little, Brown and Company, 1931.
- ADORNO, Theodor W. **Ensaaios sobre psicologia social e psicanálise**. Tradução de Verlaine Freitas. 1 ed. São Paulo: Editora Unesp, 2015.
- BEARD, Deanna M. Toten. American Experimentalism, American Expressionism, and Early O'Neill. *In*: KRASNER, David (ed.). **A companion to twentieth-century American drama**. Malden: Blackwell Publishing, 2005, p. 53-68.
- BIGSBY, Christopher. **Arthur Miller: a critical study**. New York: Cambridge University Press, 2005.
- _____. Arthur Miller: Un-American. *In*: **The Arthur Miller Journal**. Penn State University Press, v. 1, n. 1, p. 3-17, 2006.
- BOTTOMORE, T. (ed.) **Dicionário do Pensamento Marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2012.
- CHAUÍ, Marilena. **O que é ideologia**. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- CHOMSKY, Noam. **Réquiem para o sonho americano**: os dez princípios de concentração de riqueza e poder. Tradução de Milton Chaves de Almeida. 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- COGGIOLA, Osvaldo. **Teoria econômica marxista**: uma introdução. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- COSTA, Iná Camargo. **Panorama do Rio Vermelho**: ensaios sobre o teatro americano moderno. São Paulo: Nankin Editorial, 2001.
- CULLEN, Jim. **American Dream**: A short history of an idea that shaped a nation. New York: Oxford University Press, 2003.
- EAGLETON, Terry. **Marxismo e crítica literária**. Tradução de Matheus Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- GREENSPAN, Alan; WOOLDRIDGE, Adrian. **Capitalismo na América**: uma história. Tradução de Catharina Pinheiro. 1 ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- KARNAL, Leandro; et al. **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. São Paulo: Contexto, 2007.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stiner. Tradução de Milton Camargo Mota. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

MILLER, Arthur. **Uma vida**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

_____. Introduction to Collected Plays. In: WEALES, Gerald Clifford (ed.) **Arthur Miller: Death of a Salesman, text and criticism**. New York: The Viking Press, 1996, p. 155-171.

_____. **A morte de um caixeiro-viajante e outras 4 peças**. Tradução de José Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

POPPELAARS, Antonius Gerardus Maria. A ilusão do Sonho Americano em “A morte de um caixeiro-viajante” de Arthur Miller. **Estudos Anglo-Americanos**, Florianópolis, v. 45, nº 2, p. 166-190, jul.-dez. 2016. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/reaa/article/view/1773>. Acesso em: 8 nov. 2022.

ROUDANÉ, Matthew C. Death of a Salesman and the poetics of Arthur Miller. In: BIGSBY, Christopher (ed.). **The Cambridge Companion to Arthur Miller**. New York: Cambridge University Press, 1997, p. 60-85.

ROSENFELD, Anatol. **O teatro épico**. São Paulo, Perspectiva, 2002.

_____. **Brecht e o Teatro Épico**. Organização e notas de Nanci Fernandes. São Paulo, Perspectiva, 2012.

RUSSO, Thiago Pereira. **Análise formal de All my sons e de An enemy of the people, de Arthur Miller**, 2014. Dissertação (Mestrado) — Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

SZONDI, Peter. **Teoria do Drama Moderno [1880-1950]**. Tradução de Raquel Imanishi Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.

WILLIAMS, Raymond. **The realism of Arthur Miller**. *Critical Quarterly*, I, Summer, 1959, Chatto & Windus, p. 140-149.

ZINN, Howard. **A people's history of the United States: 1492 - present**. New York: HarperCollins Publishers, 2005.